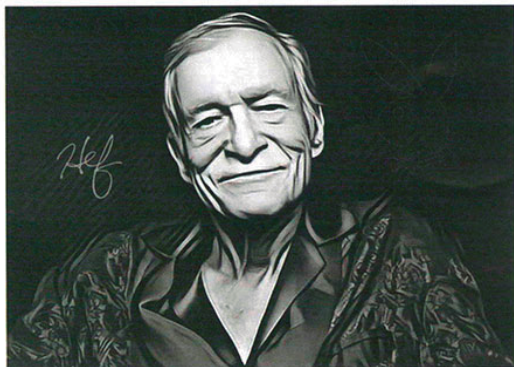




HUGH HEFNER E A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO

JOSÉ ROBERTO MARQUES



O legado é algo verdadeiramente atemporal. Portanto, seja bom ou ruim, o certo é que, quando ele é forte, sempre causa muitos impactos em nossas vidas.

Sempre falo em minhas formações sobre o sétimo nível da Pirâmide do Processo Evolutivo: o Legado. Ao contrário do que muitos pensam, não me refiro a heranças ou bens materiais, mas a memórias, sentimentos, inspirações e exemplos que você vai deixar para o mundo e para as pessoas quando não estiver mais aqui.

Grandes homens e mulheres, ao longo da história, construíram seus legados. Alguns de forma consciente, outros sem compreender ao certo como suas ideias e atitudes, mesmo depois de sua partida, ainda impactariam tantas gerações ao longo dos anos, ao longo do tempo.

Em tempos como os nossos, em que biografias inteiras são sumariamente desqualificadas em um único tuíte ou ainda linchadas publicamente nas caixas de comentários nas redes sociais, a morte de um personagem como Hugh Hefner, fundador da PLAYBOY, no dia 27 de setembro de 2017, é um prato cheio.

Não faltou quem apontasse Hefner como o inimigo número 1 da agenda feminista, principal responsável pela objetificação da mulher nas últimas décadas e até celebrasse de maneira efusiva sua morte.

Alguna cautela é sempre bem-vinda, ainda mais ao analisar a biografia de um dos personagens mais controversos do século 20.

É possível, por exemplo, que muitas pessoas com 40 anos de idade ou menos, distraídas pelo aspecto caricatural da figura, não saibam que o passado de Hefner é muito mais complexo e admirável do que os milhões de comen-

tários nas redes sociais sugerem. Por incrível que pareça, ele foi um ativista importantíssimo.

Como mostra o documentário *Hugh Hefner: Playboy, Activist and Rebel*, o fundador da PLAYBOY usou muito de sua influência e de seu dinheiro conquistado para ajudar diversas causas sociais e lutar contra a intolerância. Por isso, virou amigo pessoal de Martin Luther King e Jesse Jackson. Mais: ele abriu as portas para diversos artistas e intelectuais negros (quando ninguém fazia isso) em seu programa de TV, combateu a intolerância ao bater de frente com ninguém menos que Joseph McCarthy e ainda atuou para mudar as leis que restringiam o direito ao aborto e impediam a comercialização de contraceptivos em vários estados dos EUA.

Todos nós temos os nossos “heróis e vilões”, aquelas pessoas que nos inspiram e também que nos causam temor ou mesmo revolta e mágoa. No entanto, isso não é desculpa para esquecermos nossas idiossincrasias.

Sempre digo que todos somos luz e sombra, sem exceções. A meu ver, isso está muito além de qualquer tipo de juízo de valor ou análises maniqueístas.

Viver sua missão de vida, dar sentido à sua existência, é deixar o seu legado. É fazer com que, enquanto vivos, tenhamos um propósito, felicidade, prosperidade e respeito; e que, depois da morte, nossa memória, nossos valores, nossas ações, nossa marca sejam presentes nas pessoas que conseguimos atingir e no mundo como um todo.

Hugh Hefner fez isso.

José Roberto Marques é presidente do Instituto Brasileiro de Coaching - IBC, *master coach senior* e *trainer*, além de ser autor de diversas obras sobre coaching e desenvolvimento humano.